



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

PEREGRINAÇÃO DE

Julho
13

Com um tempo magnífico, sem dias 12 e 13 de Julho último a frio nem calor, realizou-se nos peregrinação habitual ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, na Cova da Iria.

ACÇÃO CATÓLICA DISCIPLINA

A Acção Católica é um Movimento fortemente organizado. Isso equivale a dizer que nêle se deve observar robusta disciplina.

É bem de ver que tal disciplina deve começar pela vida de cada um dos associados. O cristão, por natureza, é já um lutador. Também é sujeito às mil solicitações do mundo exterior que alucina e desvaira, e às íntimas tentações, que, freqüentemente, fazem perder o rumo das alturas. Ai dêle, se não combater para conservar o nobre aprumo que exige o seu título de homem honesto e que reclama a sua dignidade de cristão.

Chamado a lutar, é igualmente chamado a vencer. E pode sempre vencer, desde que siga generosamente a luz da fé que o ilumina, e observe corajosamente as normas da moral que devem orientar a sua vida. Iluminada a inteligência pela fé, e fortalecida a vontade pela graça da oração e dos sacramentos, não terá dificuldade em manter aquela austera disciplina que subordina os instintos à inteligência e a inteligência à revelação.

Esta disciplina interior é raiz da disciplina exterior. Não é o cristão um ser isolado no mundo. Pertence à Igreja, que é a instituição divina estabelecida por N. S. Jesus Cristo para dilatar na terra o reino de Deus. Não passa de funesta utopia a doutrina que ensina ser o cristão completamente independente de fórmulas exteriores.

Decerto, o culto meramente externo é frio ritualismo que não exerce influência nas almas. Todavia o homem não é só alma. Possui também um corpo que deve participar nos actos do culto. Os que procuram viver exclusivamente a vida do espírito, acabam se não é que também começam, por viver apenas a vida animal. Já Pascal observou judiciosamente que, procurando cultivar-se apenas o anjo, se cultiva afinal o bruto.

O Mestre divino, que possuía conhecimento profundo e misterioso dos íntimos problemas humanos, atendeu às duplas exigências da natureza — espirituais e materiais — fundando a Igreja, com os seus inexauríveis tesouros de graça, e com a sua vigorosa disciplina exterior, que supõe e exige chefes e leis. Não é verdadeiro cristão o que apenas se preocupa com fórmulas externas, pois «Deus, que é espírito, deve ser adorado em espírito e em verdade». Mas também está fora do Cristianismo aquêle que despreza a Hierarquia ou voluntariamente transgrede as normas que a mesma Hierarquia estabelece.

Aos seus títulos de cristão, o associado da Acção Católica acrescenta o de apóstolo especializado de Cristo. Solenemente jurou servir o Senhor, com espírito de abnegada coragem. Como soldado de Cristo cumpre-lhe observar a disciplina interior e exterior a que se obriga todo o cristão, e ainda aquela que as suas novas funções importam. Tem de ser dos primeiros na observância rigorosa dos deveres cristãos, e consciencioso e audaz no cumprimento das disposições estatutárias e regulamentares do Movimento que prometeu servir.

Desta disciplina depende o progresso da Acção Católica. Valem pouco as multidões invertebradas que não sabem ou não querem obedecer. O importante é formar almas fortes e generosas que desejam servir na disciplina consciente e forte, capaz de conduzir à vitória.

No turbilhão de insatisfações e de revoltas que é o mundo actual, a Acção Católica tem de ser uma força organizada e dócil à voz da Igreja.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

As comemorações religiosas revestiram-se nesse mês de devoção e brilho extraordinários, mercê das circunstâncias especiais em que se verificaram.

O concurso de fiéis foi regular, aproximadamente o do costume no terceiro mês do ciclo do verão, isto é, cerca de 15.000.

Estavam presentes 120 espanhóis provenientes de Madrid, Barcelona, Cartagena e ilha Maiorca. Dêsse grupo faziam parte 12 sacerdotes, uns do clero secular e outros da Ordem de S. Domingos.

A procissão das velas que desta vez, se não foi um mar de lumes, como é em Maio e Outubro, não deixou de ser um caudal de

As 7 horas, o rev. Vigário Geral de Leiria, cônego dr. Manuel Marques dos Santos, celebrou a Missa da comunhão geral em que milhares de fiéis receberam o Pão dos Anjos.

As 8^h,30 houve a Missa dos peregrinos da Benedita.

As 9 horas, celebrou a Missa da peregrinação espanhola o Senhor Bispo de Leiria, tendo prêgado à estação do Evangelho o rev. Bartolomé Jaume, director do grupo de peregrinos procedentes da Maiorca.

A Missa dos doentes foi rezada no altar exterior da Basílica, pelo rev. cônego dr. Galamba de Oliveira que festejou assim nesse dia o 19.º aniversário da sua primeira Missa celebrada também naquele local sagrado.

Ao Evangelho prêgou, com extraordinária emoção, o rev. Ar-

hóspedes do Santuário. Regressaram ao seu país no dia seguinte, satisfeitos e profundamente comovidos com as cenas tocantes que lhes foi dado presenciar.

Outra nota característica desta peregrinação foi a presença de mais de 400 crianças da freguesia da Benedita (Alcobaça) acompanhadas pelo respectivo pároco, rev. P.º José Susano Coelho, que fizeram a pé duas vezes — ida e regresso — o longo percurso de 55 quilómetros. Com as crianças vieram 150 adultos da mesma freguesia, homens e mulheres.

Depois da Missa dos doentes, esse grupo infantil executou na escadaria do Rosário um cântico



O Venerando Episcopado português presidido por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa em retiro espiritual no Santuário de Nossa Senhora do Rosário, em Fátima, de 2 a 9 de maio de 1945

luz, decorreu na maior ordem e constituiu impressionante manifestação de fé e piedade.

A cerimónia da adoração nocturna do Santíssimo Sacramento efectuou-se no recinto da Basílica.

As sucessivas «horas santas» que se fizeram durante a madrugada para portugueses e espanhóis assistiram muitíssimas pessoas.

Muitos peregrinos espanhóis, homens e senhoras, velaram toda a noite, com um espírito de fé e de sacrificio admiráveis, edificando os portugueses presentes.

Nas primeiras horas de adoração prêgaram o rev. cônego dr. José Galamba de Oliveira, da Sé de Leiria, e 3 sacerdotes espanhóis,

lado que produziu belo efeito e agradou bastante.

Deu as duas bênçãos com o Santíssimo Sacramento, a individual aos doentes, que eram 125, e a geral, no fim do *Tantum ergo*, a toda a multidão, o rev. celebrante. O rev. Vigário Geral de Leiria fez as invocações costumadas.

A cerimónia da bênção dos doentes e das invocações impressionou, como sempre, todos os peregrinos, especialmente os espanhóis em cujos rostos se viam deslizar lágrimas de comoção.

O Senhor Bispo de Leiria presidiu a todos os actos oficiais, acompanhado a Imagem de Nossa Senhora da Fátima nas duas procissões.

Os peregrinos espanhóis foram

de agradecimento a Nossa Senhora pela preservação de Portugal do flagelo da guerra e de súplica pela paz do mundo.

Terminada a execução do cântico falado, o Senhor Bispo de Leiria dirigiu algumas palavras às crianças da Benedita.

Do Porto e outras terras do país vieram muitas pessoas a pé.

A segunda procissão que pôs termo às comemorações oficiais foi muito comvente, vendo-se milhares de lenços brancos esvoaçando ao sol como asas vivas e palpantes e saudando a Virgem bendita Senhora da Fátima num longo e enternecido adeus.

VISCONDE DE MONTELO

CONVERSANDO

A REFORMA MORAL

Eduardo Herriot, antigo presidente do Goyêrno e actual chefe do partido radical-socialista da França, ao regressar do exílio em que esteye na Alemanha e olhando para a vida do poyo no seu País, declarou que o de que mais carecia a França era de uma reforma moral, mais de uma reforma moral que de uma reforma política, pois era já sobremaneira insuportável a atmosfera de deslealdades, de injustiças, de enganos, e de insociabilidades de que se ressentiam as relações em todos os campos da actividade humana.

Quere isto significar que o mal vai já tão longe que um dos representantes mais justamente reputados das hostes radicais da hora presente e que se inculca como um dos prováveis governantes da nova França reconhece que, em tão desoladoras condições, não basta contar só com as determinações espontâneas da consciência individual dos cidadãos, mas é também necessário que, por parte do Estado, se estabeleçam providências que ajudem a um melhor condicionamento dos costumes para que a ordem social não perigie como vai agora sucedendo.

É claro que o que vale, acima de tudo, é a formação da consciência nos indivíduos pela acção e prática dos bons princípios, pela educação nos vários grupos sociais, e pela inclinação a uma moral talhada em moldes puramente cristãos. Sem o concurso subjectivo das pessoas individualmente consideradas não há moral que triunfe; mas sem a cooperação do Estado também não há sociedade que progrida.

O que Eduardo Herriot notou para a França verifica-se mais ou menos para os outros países.

Em Portugal alguns factores ressaltam também com acção nociva sobre os costumes.

Um deles, o cinema, já como

tal tem sido acremente apontado, não porque nelle tudo seja condenável, mas porque, na variedade dos seus motivos, intercala quasi sempre, para atraindo clientelas de diversos gostos, quadros e cenas que, mais ou menos disfarçadamente, trazem sugestões de indisciplina moral e habituação ao desrespeito das leis do pudor que é essencial à beleza da vida e à libertação do espirito.

Outro factor de declínio moral é ainda de notar, mas este de existência mais recente; anda geralmente ligado ao funcionamento de tabernas e, quando destas se torna autónomo, em breve tende a revestir as mesmas formas. É constituído por casas de baile com jazz-band, da iniciativa de empresários de poucos escrúpulos, para serem applicadas no maior número possível de dias em cada mês, metendo pelas noites dentro até de madrugada, sem a presença de quem ponha autoridade moral sobre o conjunto. Alastra como mancha profunda nos costumes portugueses, repercutindo-se já em casos de Polícia e em questões de Tribunais.

Para o efeito da ordem moral reclama também já a atenção dos Poderes Públicos a existência de bandos de população flutuante, como sejam de ciganos e de vadios, que, na roda do ano, percorrem o País em variadas direcções, sem eira nem beira, revelando-se frequentemente por crimes, enganos, ameaças, e tristes espectáculos de desmoralização.

A estes, como a todos os mais factores de decadência que actuam nos costumes, opõe a Igreja, como senhora dos caminhos eternos da vida, a sua constante e infatigável evangelização pela doutrina e exemplo.

É quasi tudo, mas não é tudo. O Estado tem, dentro da sua esfera de acção, lacunas em relação à moral que lhe compete preencher. De justiça é, portanto, que tome a sua parte na defesa da moral pública em conformidade das tradições cristãs que, felizmente, são também as da Nação.

A. LINO NETTO

Palavras de um médico

Acaba de sair a 2.ª série deste livro encantador cuja 1.ª série do que ainda restam alguns exemplares teve tão boa aceitação do nosso público. Não sabemos que mais admirar se as idéias, se a forma, se a maneira como os assuntos são tratados e expostos.

Gente culta e gente da aldeia todos têm muito que aprender nessas páginas do sr. Dr. Pires de Lima.

Pelo correio, 8500. GRAFICA LEIRIA.

LIQUIDAÇÃO

de toda a existência por motivo de obras

Peçam tabelas Liquidação

- Crepes da china estampados desde ... 18500
Sédas lisas, várias, desde ... 14550
Sourahs finos desde ... 27550
Fazendas de lã desde ... 15500
Riscados bonitos camiseros desde ... 5550
Algodões estampados desde ... 5570
Meias de seda gase, desde ... 7580
Meias algodão desde ... 2350
Peugas algodão desde ... 2420

R. Aroo Marquês do Alegrete, 30-1. LISBOA

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor JOÃO DA SILVA

MOVIMENTO NO SANTUÁRIO

JUNHO

DIA 22 — Como nos outros anos, veio em peregrinação ao Santuário e desta vez agradecer a Paz para o mundo, a Colónia Inglesa em Portugal. Vieram cerca de 200 pessoas e presidia a peregrinação o Rev. P. Enda McVeigh O. P. Superior dos Dominicanos Irlandeses de Lisboa. Acompanhavam a peregrinação alguns membros da Embaixada Inglesa, de Lisboa. O programa seguido foi o usual das outras peregrinações: procissão das velas, adoração nocturna e missa de madrugada a qual foi cantada pelos peregrinos, estando ao altar o Rev. P. Dominic Clarkson, O. P. acolitado pelos RR. PP. Jordão e Austin Sabas. As 8 horas o Rev. P. Gerard Gardiner que há pouco tempo havia sido libertado de um campo de concentração na Austria rezou a santa missa na Capelinha seguindo-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora e a bênção aos doentinhos na Capela das Confissões. A procissão do «Adeus» foi o remate da peregrinação.

DIA 23 — Comemorando o X aniversário da fundação da Juventude Católica Feminina no ramo de Tôrres Novas, as filiações dos vários organismos desta Vila e a freguesia da Olaia vieram reunir-se aos pés de Nossa Senhora. Com elas vieram os Revs. PP. Victor Franco, de Tôrres Novas e Fausto Silveira, da Olaia. Depois das cerimónias religiosas que efectuaram no Santuário, visitaram o túmulo da Jacinta e Francisco, no cemitério da Fátima e os Valinhos e a Loca do Cabeço, onde rezaram e cantaram.

DIA 28 — De passagem para as missões africanas visitaram Nossa Senhora 4 sacerdotes suíços.

JULHO

DIA 4 — Veio aos pés de Nossa Senhora rezar a sua primeira missa o Rev. P. Joaquim Manuel Pinto, de Meda, diocese de Lamego. Era acompanhado de seus pais, irmãos e outras pessoas de família.

DIA 8 — Rezaram missa na Capelinha das Aparições os Revs. sacerdotes franciscanos Fr. D. Francisco Aldegundes Dorrego, Definidor Geral e Leitor Geral de Filosofia da Ordem Franciscana e Fr. D. Luis Gomes Canejo, director do Colégio «Cisneiros» de Madrid e Director da revista «Archivo Ibero-Americano» e membro do Conselho de Investigações Científicas de Madrid.

DIA 9 — De Espanha chegaram alguns peregrinos, com um grupo de Palma de Maiorca dirigido pelo Rev. P. Bartolomeu Jaume, O. P.

DIA 10 — Chegou o organizador da peregrinação espanhola, cerca de 180 pessoas, de Madrid, Valência, Tarragona, Cartagena e Barcelona, Rev. P. Jaime Parcerisa, do Convento dos Dominicanos de Barcelona.

DIA 12 — Chegaram os restantes peregrinos espanhóis.

DIA 16 — Principiou o retiro espiritual do Clero da diocese de Leiria, sendo conferentes os Revs. PP. Abílio Martins, S. J. e Sebastião Couto, S. J. O Senhor Bispo desta diocese dignou-se assistir ao retiro.

DIA 17 — Teve início também o retiro espiritual para o Clero da Arquidiocese de Évora, com a assistência do Sr. Arcebispo. O conferente foi o Rev. P. Agostinho Veloso, S. J.

ATENÇÃO

Meias e peugas ao desbarato!

- Meias algodão, bom reforço, 3520 e ... 2850
Peugas algodão fortes 2580 e ... 2520
Meias escocla, popular 6580 e ... 4380
Meias escocla, forte 8550 e ... 4550
Peugas fantasia 3550 e ... 4550
Meias seda fina saldo 10300 e ... 8500
Meias seda fina, grande duração, 12550 e ... 11550
Meias seda, tipo vidro natural, reforçadas, grande moda, 24550 e ... 22550

IMPÉRIO DAS MEIAS

A primeira casa do país em meias peugas Avenida Almirante Reis, 173 B LISBOA PROVINCIA E ILHAS, enviamos tu-to contra reembolso.

Cruzados da Fátima Ainda o Nosso Jornal

Nunca Portugal teve, em toda Dioceses e paróquias em que a sua história, uma publicação devoção a Nossa Senhora da Fátima era verdadeira ou fictícia. de tal transcendência como a da «Voz da Fátima».

Quando Nossa Senhora mandava aprender a ler a sua privilegiada confidente da Cova da Iria, sem dúvida que a Mãe Santíssima pensava já nesse mensário que havia de aparecer cinco anos mais tarde para ser o seu mensageiro, o pregão da sua mensagem, o eco da sua voz em todo o Portugal e pelo mundo fora.

E que bem não tem feito o mensário da Fátima!

Ao distribuir-se gratuitamente na Cova da Iria, no passado mês de Julho, o jornalzinho de Nossa Senhora, alguém dizia: «já consegui um baptizado com a «Voz da Fátima!».

Os «Cruzados da Fátima» não se devem desinteressar do seu jornal, nem descansar até que ele volte a ter aquela tiragem que até há poucos meses contava e que diminuiu por manifesto desinteresse de uns e falta de zelo de muitos.

As numerosas desistências que houve, só vieram provar quais as

C. de A.

Uma oferta singular

Era numa manhã úmida e fria de inverno. A chuva miudinha caía importunamente, e empapava tudo.

Sinto passos junto do meu quarto de trabalho; alguém se aproxima e me bate à porta; mando entrar.

Uma pobre mulher, nova ainda, pés descalços, enlameados, arroxeados de frio, entra timidamente, deixando transparecer no rosto relativamente fresco de serrana, uma dor íntima, todo um mistério de sofrimentos!

— Bom dia, senhô prior, diz, faça favor de me dar a sua bênção...

— Muito bom dia; Nosso Senhor a abençoe; ora diga lá, vocecêcê o que é que deseja?

— Olhe, senhô prior, responde, cá eu tinha prometido a Nossa Senhora da Fátima o carapuço do meu menino, mas vai daí e esqueceu-me de o trazer; queria que vocecêcê me dissesse, cá eu se der cinco maureis, quanto foi a mércula do carapuço, posso ficar descarregada da promessa?...

— Pode, sim senhora; mas vocecêcê veja lá... esse dinheiro não lhe faz falta?...

— Lá isso faz, sim senhô prior, mas a gente quando se vê em afiões... não, não quero ter encargos na minha alminha!...

— Mas compra a promessa quando puder melhor, quando o dinheiro menos falta lhe fizer.

— Ai não, senhô prior, não quero encargos.

Entrementes reparo como irrompem tímidas lágrimas dos olhos magoados daquela pobreza e lhe deslizam em dois sulcos fundos que lhe caracterizam a face.

— Senhô prior, diz entre soluços, vocecêcê peça a Nossa Senhora que livre a meu marido das más companhias; peça, senhô prior...

E levando aos olhos o braço direito para os enxugar à manga da blusa desbotada continuou:

— O meu marido abandonou-me, deixou-me com cinco criancinhas. A mais novinha tem apenas apo e meio... fui aos 20, e merquei-lhe um carapuço encarnadinho, que fica tão bem... tão bem, ô meu menino!...

E dizendo isto, o seu affecto materno atraçou-lhe a dor; no seu olhar tão triste transpareceu-lhe então um esboço de sorriso que a imagem inocente do filhinho lhe provocou.

— Pois, senhô prior, continua, eu

Porque um tão pequeno sacrificio que foi peido, muitos milhares de «Cruzados» vociferaram protestos e desertaram.

Ainda bem, pois, agora já conhecemos melhor aquêles que com sinceridade se dizem católicos e devotos da Mãe de Deus. Esses, ficaram no seu posto.

Aquêles exemplo de amor à «Voz da Fátima», ao qual nos referimos no último número do jornal, não é único, graças a Deus; por esse Portugal fora, há muitos sacerdotes que lhe vão no encalço, há muitos chefes de «Trezenas» que manifestam bem o amor que dedicam à Igreja e à Mãe bendita do Céu.

Bem hajam todos aquêles que não desanimam e tanto lutam, no momento histórico do mundo em que vivemos, quando o demónio e seus seqüazes não dormem e tudo sacrificam pelo triunfo de más doutrinas que tanto mal causam aos indivíduos e às nações.

C. de A.

TIRAGEM DA VOZ DA FATIMA

Table with 2 columns: Location and Ttiragem. Includes Algarve (7.685), Angra (17.900), Aveiro (6.697), Beja (5.125), Braga (47.958), Bragança (8.611), Coimbra (10.405), Évora (3.995), Funchal (9.686), Guarda (12.485), Lamego (7.287), Leiria (10.811), Lisboa (13.639), Portolegre (9.597), Pôrto (40.018), Vila Real (16.016), Viseu (4.982), Estrangeiro (3.622), Diversos (10.221), Total (246.740).

Graças de N. S. da Fátima

As Irmãs Missionárias do Espírito Santo em Fátima

Voz da Fátima

DESPESAS

Transporte	3.001.802\$74
Papel, comp. imp. do n.º 274	23.049\$20
Franq. Emb. Transporte do n.º 274 ...	4.636\$48
Na Administração ...	540\$00
Total	3.030.028\$42

Esmolas desde 20\$00

D. Efigénia Maris Pinto, Vila-Flor, 150\$00; D. Laura Santa Trizmarães, Porto, 50\$00; D. E. Vidal Paulino, Azambuja, 20\$00; Amaro Eustado d'Antas, Viana-do-Castelo, 50\$00; José Moreira Lopes, Laça-de-Sousa, 20\$00; Manuel Cerqueira Rio, Ponte-do-Lima, 20\$00; José da Costa Sampaio, Lousada, 40\$00; D. Josefina M. P. Pereira de Melo, Montemor-o-Velho, 100\$00.
 D. Catarina B. Santana Marques, Elvas, 20\$00; D. M.ª José B. Fernandes, Elvas, 20\$00; D. Mariana de A. de A. Serpa, Lisboa, 30\$; P.º António Pereira Ribeiro, Sinde, 20\$00; D. M.ª da Graça Sepúlveda, Lisboa, 20\$00; D. M.ª Brígida Huet Bacelar, C. de Aregos, 30\$00; Eledário Duarte Resina, Malveira, 250\$00; D. Maria Casanova de Elias, Lisboa, 100\$00; D. Irene Carmo Silveira, Peraboa, 78\$00; D. Emília F. Camacho, Ameal, 40\$00; D. M.ª Dionísia Leiria, V. R. de Santo António, 30\$00; António Rafael Gorjão Henriques, Lisboa, 20\$00; Bispa de Limira, 50\$00; D. Maria José V. Gonçalves, Portalegre, 50\$00; José Ramos, Monção, 50\$00; D. Clementina Nogueira, Odemira, 20\$00; Francisco Marques, Agueda, 20\$00; Amílcar da Silva Parente, Leiria, 50\$00; D. M.ª Ludovina Rosas, 20\$00; D. Eufémia Moreira, Valongo, 30\$00; Luís de Passos Peixinho, V. do Castelo, 60\$00; P.º Manuel Nunes da Silva, Pico, 40\$00; Manuel Miranda de Campo, Barcelos, 20\$00; D. Graciete Silva, Espinho, 20\$00; D. Alda Rita de Oliveira, Rio Maior, 20\$00; D. Ermelinda Azevedo de Castro, R. Tinto, 20\$00; D. M.ª da Glória Silva, Porto Antigo, 50\$00; Graciano Palma, Cortegaça, 20\$00; Adélio Simões Gó. Freixianda, 50\$00; Manuel da Silva Brilhante, Lisboa, 20\$00.

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria Irene Moreira Duarte, Baltar, agradece a Nossa Senhora da Fátima a sua cura que o seguinte atestado médico confirma.

Eu, José Mendes Moreira, médico pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Director-Clinico do Hospital da Misericórdia de Paredes, atesto pela minha honra que Maria Irene Moreira Duarte, casada, de 21 anos de idade, filha de Felisberto Moreira Duarte e de Maria Ferreira Quintas, natural e moradora na Freguesia de Baltar, concelho de Paredes, esteve tão gravemente doente com uma obstrução intestinal e consecutivamente à extração de um feto por modo de versão por manobras internas que se perderam, quasi por completo, as esperanças de a salvar com os recursos que a medicina facultava. Pode atribuir-se à acção sobrenatural a óptima evolução da doença que, repito, considere de prognóstico muito sombrio.

Paredes, 25 de Março de 1937. Em tempo: a doente a que me reporto foi internada no Hospital da Misericórdia de Paredes em 12 de Março de 1937, onde ainda continuava em franca convalescença. Ressalvo a razura retro, na undécima linha.

Paredes, 25 de Março de 1937
José Mendes Moreira

D. Amélia Pais, Lisboa, há 18 meses que vinha sofrendo com uma ferida de mau carácter num lábio. Tendo consultado vários médicos não conseguiu a sua cura. Cheia de fé dirigiu-se ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima onde pediu a sua cura ao mesmo tempo que bebia água do mesmo Santuário. Sucedeu que tendo regressado a casa se encontrou curada.

D. Maria Lopes, de 56 anos de idade, da freguesia de S. Julião de Calendário, Famalicão, deu entrada no hospital da Misericórdia daquela vila, em 8 de julho de 1944 para ser operada. Os médicos, vendo que a doença era já incurável recusaram-se a operá-la. Voltou para sua casa em 11 do referido mês. Tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima, achou-se completamente curada ao fim de dois meses.

D. Margarida Ferreira Rodrigues, S. Mamede de Infesta, diz: «No ano de 1927 tendo a minha filha Isabel, de 5 anos de idade, aleijadinha apliquei-lhe água da Fátima. Já tinha 11 anos e ainda não tinha dentes; prometi a Nossa Senhora da Fátima se lhe nascessem os dentes, assistir às cerimónias do dia 13 de maio na freguesia; a minha filha ficou completamente curada.

Minha filha M.ª Alice sofria, desde a idade de 2 anos, de bronquite, asmática; fui com ela a vários médicos sem que conseguisse vê-la curada. Consultei em Vila do Conde um médico que me disse: a menina não se curaria mas mesmo à medida que fosse tendo mais idade aumentaria a doença. Recorri então a Nossa Senhora da Fátima, fazendo repetidas novenas; pois sucedeu que a minha filha se curou e já passaram dois anos sem que desse sinais da sua antiga doença.

NOS AÇORES

D. Ana Adelina Ettencourt da Costa Nunes, do Faial, escreve em 30 de Julho de 1939: «Em cumprimento de um voto, venho tornar públicas as graças que Nossa Senhora da Fátima me concedeu durante o terrível período em que a vida de meu marido esteve por mais de uma vez em extremo risco.

Atacado por uma febre tifóide nos

primeiros dias de maio do ano passado, o estado dele era tão grave que todos o julgaram perdido. Eu, louca de dor via-o morrer e perdi a noção de tudo.

No dia 12, os médicos mandaram-no recolher a um quarto particular do hospital marcando a saída de casa para as 12 horas do dia 13. A noite de 12 para 13 foi terrível para mim que via o meu marido quasi agonizante; tive mesmo um ataque cardíaco que me deixou inconsciente durante algumas horas.

No dia 13, ao ver aproximar-se o momento de sair de casa com meu marido, sentia-me desfalecer. De repente lembro-me que é o dia 13 de Maio e sinto a intima convicção de que a Virgem me vai curar o marido. Corro a procurar um pouco de água da Fátima que uma colega e amiga de lá me trouxera. Dou-a ao doente e peço-lhe que ele prometa a Virgem jamais se descurar de ouvir Missa aos domingos e dias santificados ou de cumprir qualquer dever religioso. Ele, que delirava imenso, atendeu-me com estranha lucidez, tomou a água miraculosa, fazendo o voto que eu lhe lembrara, pediu-me uma imagem da Virgem para a qual ficou a olhar alguns momentos. Depois, deixou-se preparar serenamente para ir para o hospital, tendo-lhe cessado o delírio. Quanto a mim, sinto-me então forte e é com a certeza de voltar com ele curado que abandono a minha casa, onde toda a família e pessoas amigas choram sendo eu a única pessoa completamente tranquila nesse terrível momento.

Internado no hospital, meu marido começa logo a melhorar sensivelmente, e cada vez e mais firme a minha convicção da sua cura. Passados 12 dias apenas, voltámos para casa. A convalescença era plena. Eu sentia bem a grandeza das duas graças que a Virgem me concedeu: a cura do meu marido e a estranha força que repentinamente me animara na manhã do dia 13 e que jamais me abandonara durante a estada no hospital.

Passados poucos dias, porém, é ele novamente atacado de uma colite aguda; recorro de novo à Virgem e é submetido a um rigoroso tratamento médico, restabelece-se. Decorrida uma semana, em consequência de uma injeção, aparece-lhe um fleimão garro num braço em que ha anos sofrera uma grave afecção ósea. E então que o médico assistente, o sr. dr. Alberto Campos de Medeiros, o considera completamente perdido. Sinto-me imensamente aflita mas, desta vez, a esperança não me abandona: vou novamente buscar a miraculosa água da Fátima, da qual já então apenas possuía uma pequena gota. Deito-a sobre o braço que está horrivelmente deformado pela excessiva tumefacção, e espero.

A operação effectua-se com resultado satisfatório, e, dentro em pouco, o médico classifica de caso único essa cura que, embora demorada, se realiza por completo, restando hoje apenas uma cicatriz no braço e um certo enfraquecimento no músculo que tão terrivelmente fora atacado.

E eu, cumprindo o voto feito em horas de tanta angústia, sinto a alma transbordante de gratidão para com a Virgem da Fátima que se dignou ouvir a minha prece cheia de fé, implorando a suprema ventura do meu lar, há 23 anos fundado com um tão grande e puro amor, que me ilumina a vida inteira e que hoje, sob a protecção de Maria, se tornou a própria essência da minha vida.

Ao publicar esta grande graça, peço à Virgem que carinhosamente estenda uma bênção materna por todo o nosso querido Portugal onde a devoção a Maria foi e será sempre o supremo estelo das almas crentes.

Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

- Amaro Furtado de Antas e Espôsa Santa Marta.
- D. Estelina Ventura da Cruz Borata, Folques.
- D. Ermelinda Azevedo de Castro, Rio-Tinto.

D. Maria Ludovina Rosas, Valongo.
 D. Eufémia Moreira, Valongo.
 D. M.ª Adelaide Meneses Fernandes, Funchal.

D. M.ª Clara Bôça, Encarnação.
 D. Helena dos Santos Póvoa, ibidem.
 D. Judith Baptista, Porto.
 D. Rosália Maria de Pina da Câmara, Carregado.

D. Maria de Lourdes Carvalho, Vale-Tômo.
 D. Alice Caldeira dos Santos, Pico (Açores).

D. Hermínia de Noronha, Ribeira-da-Pena.
 Manuel Tomás, Lisboa.
 D. M.ª Rosa Moutinho da Ascensão, S. Pedro-Fins.

D. Júlia Amaral, Ribeira-Grande.
 D. Maria Adelaide, Angra.
 D. Maria Forges, Terceira.
 D. Maria de Lourdes de Almeida, Terceira.

D. M.ª da Conceição Mata, Veiras.
 D. Leonor Ladeiras, Val de Ladrões.
 D. Flávia da Silva, Castro-Daire.
 D. Maria Inês de Oliveira, Porto.

P.º Francisco Rodrigues da Costa, Ilha do Corvo.
 D. M.ª Isabel Fernandes, Corvo.
 José Augusto Teixeira Alves, Canédo.

José Augusto Soares, Marco de Canavezes.
 D. M.ª Dary Frota Carneiro, Recife, Brasil.

D. Elvira Pinheiro, Chão-Verde.
 D. Leocádia da Costa Maroto, Macho, Madeira.

D. Fernanda Franco, Viseu.
 D. M.ª Emília Pamplona Nunes, D. Genoveva Marques, Castanheiro de Jarmelo.

D. Iacalina Henriques Marques, Coimbra.
 D. Carmen Justina Barbosa, Senhora-da-Hora.

D. Maria da Ascensão Rodrigues, Trancoso.
 D. Francisca Rosa Rebolo, Arraiolos.

D. Alvina da Silva Coelho, Chaves.
 José da Rocha Ribeiro, Vieira do Minho.

D. Maria da G. Almeida Gouveia, V. N. de Tazem.
 D. Leonilde Eonseca Santos, V. Viçosa.

D. Aurora dos Santos Neto, Castelo-Viegas.
 António Cruz, Belmonte, Brasil.
 D. Teresa de Jesus, Faro.

D. Alzira do Carmo Moreira, Santa Marinha, Gaia.
 Geraldo Soares Coutinho Cabral, Santa Maria (Açores).

Ant.º José Martins Capela, Carvalheira, Terras de Bouro.
 D. Helena da Alegria Peixe, Santa Eulália.

D. M.ª dos Prazeres Biscaia Rabaca Paiva, Manteigas.
 D. Ermelinda de Jesus Diogo, Parada de Monteiros.

D. Joana Alice Vieira Martins, Funchal.
 D. Julieta Maia L. da S. Ferraz, Porto.

D. Ester Mendes de Carvalho, Moimenta da Beira.
 D. Rosália de Oliveira, Carrazedo Montenegro.

D. Clara Macedo, Porto.
 D. Maria Inês de Oliveira, Porto.
 D. Maria José Miranda, Porto.
 D. Maria Alice Gonçalves Ferreira, Gondomar.

D. Ludovina Guedes Ferreira, Lomba.

NO CENÁCULO

Estavam reunidas no Cenáculo perto de cento e vinte pessoas. E daquelas cento e vinte pessoas se compunha a Igreja, nascida lá para cinquenta dias, na cruz, de lado aberto do Salvador.

Que fazia a Igreja no Cenáculo? Esperava, no silêncio e na oração, o momento em que o seu

Foi há um ano. Decorria o mês de Junho de 1944 e as Irmãs Missionárias do Espírito Santo que em Lisboa, no Dispensário de Alcântara, à Rua do Tenente Valadim, trabalhavam já desde Janeiro de 1942 iam abrir a sua Casa de Noviciado em Coimbra.

Não foi, porém, sem dificuldades que essa ideia teve realização e à semelhança do que fizera a Rev.ª Madre Superiora Geral que ao tratar da fundação do Instituto em Portugal o não fizera sem ir implorar a protecção de Nossa Senhora de Fátima, também a Rev.ª Madre Superiora Provincial acompanhada pelas Noviças e Postulantes vai à Cova da Iria para de uma maneira especial implorar a bênção da Mãe celeste e colocar sob a Sua augusta protecção o Noviciado.

Foram momentos de indizível commoção os que de 12 a 13 de Junho se passaram na Cova da Iria — futuras Missionárias, movidas de nobre ideal, consagravam à Virgem, Rainha das Missões, as suas aspirações e esperanças.

Volvido um ano é com sentido júbilo que elas vêm agradecer à SS.ª Mãe Virgem a protecção que lhes dispensou, pois, a par de numerosas graças doutra natureza, duas cerimónias de Profissão e duas Tomadas de Hábito se realizaram no decorrer deste ano, e manifestar-lhe desta forma a sua gratidão.

Que Ela, a excelsa Padroeira da terra portuguesa, continue a velar por esta Casa de Noviciado que lhe pertence, dando-lhe sólidas e verdadeiras vocações que possam contribuir para a extensão do reinado de Cristo nas almas sobretudo nas almas mais abandonadas.

Noviciado das Irmãs Missionárias do Espírito Santo, Quinta das Alpenduradas — Ao Calhabé COIMBRA.

divino Espôso a havia de manifestar ao mundo.

Já naquela hora, «rainha formosíssima, unida a Cristo Rei, luminosa cidade do céu...»

Encarregada de distribuir os frutos da Redenção, estavam-lhe garantidos para sempre todos os dons divinos necessários para que as almas nela encontrassem a salvação.

Nunca havia de errar, ao ensinar a doutrina de Jesus. Nunca deixaria de «gular e lutarmente os homens por meio de Pastores iluminados por Deus». Nunca no seu seio se estancaria a fonte das graças celestes.

A Igreja orava com sua Mãe Maria Imaculada, ali presente. E no Coracão amantíssimo da Virgem, que ternura imensa pela Igreja.

«Instrumento do Verbo Incarnado», que os seus braços maternais iam amparar durante os primeiros anos de uma vida de perseguições!

Quando se aproximar uma época decisiva na minha existência,

escolha de um estado de vida, início de uma obra importante ao serviço de Deus, renúncia a um projecto que ia orientar-me numa nova direcção, olhar para o Cenáculo.

Não ter pressa de começar. Esperar uma indicação da Providência, embora me pareça que estou preparado. Passar uns dias no isolamento, entregue à oração. Conservar-me bem junto de Maria, como filho que ama e tem confiança...

Do livro «Ut vitam habesnt» das Missionárias e para-loras do Sagrado Coração de Jesus.

S. Francisco Xavier

E o maior apóstolo desta época. E chamado o S. Paulo dos tempos modernos e foi declarado Patrono das Missões.

Em dez anos de apostolado fez aparecer maravilhosas cristandades na Índia, na Pescaria, em Malaca, nas Molucas e no Japão.

Para dar realização aos seus desejos apostólicos, além de milhares de quilómetros que fez por terra, percorreu, em navs incómodas, perto de 50.000 quilómetros. Neste número ficam já compreendidos os 7.000 quilómetros da sua viagem à China, que sonhava conquistar para Cristo. Mas o Senhor, satisfeito com os seus trabalhos, chamou-o a Si a 3 de Dezembro de 1552, em Sanchão, mesmo às portas do «Celeste Império».

Foi também nesta altura que entrou o cristianismo no Japão, descoberto pelos portugueses em 1542. Igualmente na China se recomeçava, com melhores resultados, a acção missionária, interrompida havia dois séculos.

AVISO

Foi inaugurada uma carreira diária entre a estação de Chão de Maças e a Cova da Iria (Fátima). Esta carreira tem ligação com o comboio 3 que parte de Lisboa às 11/40 e com o 18, que parte do Porto às 9 horas.

Este número foi visado pela Censura

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(3.ª série)

IX

A Oração

Os rapazes que, no fim do século passado, foram educados pelos compêndios oficiais portugueses, ficaram tendo grande admiração pela Revolução francesa e pelos grandes escritores que a prepararam, ou que dela derivaram, como Voltaire, Rousseau, Zola, etc.

Só uma auto-educação posterior fez revelar a esses rapazes que os escritores e filósofos exaltados oficialmente não passaram de malfeitores e que o espírito da nobre nação francesa é representado por muitos dos reis que a organizaram, por grandes literatos conservadores, por sábios da craveira de Pascal, de Ampère e de Pasteur.

Da mesma estirpe foi o grande biólogo, há pouco desaparecido de forma um tanto misteriosa, Alexis Carrel.

Este sábio católico, forçado a exilar-se para a América, em virtude da intolerância religiosa que reinava na França, trabalhou brilhantemente no Instituto Rockefeller de Nova York, e do mesmo tempo, espantou o mundo científico com a sua obra retumbante «O Homem, esse desconhecido».

Na mesma ordem de idéias, poucos anos antes de morrer, redigiu um pequeno trabalho, que correu mundo em edições inglesas e francesas e que agora foi publicado em bela edição portuguesa, pela Livraria Tavares Martins. Esse livrinho, de 44 páginas, intitula-se: «ALEXIS CARREL» — A oração — Seu poder e efeitos. Trad. portuguesa de Eduardo Pinheiro — Porto — 1945.

No introdução do seu último livro, afirma Carrel que a observação pode estender-se até ao estudo do fenómeno espiritual da oração. Estudando o homem que reza, aprenderemos, em que consiste o fenómeno da oração, a sua técnica e os seus efeitos, diz o eminente biólogo.

A oração é uma elevação da alma até Deus, um acto de amor e de adoração para com Aquêle a quem se deve esta maravilha que é a vida. No breve capítulo intitulado «Como se deve orar», conclui Carrel:

«Toda a técnica da oração é boa quando põe o homem em contacto com Deus».

Em qualquer parte se pode rezar, mas os lugares mais próprios são a igreja ou o silêncio do nosso quarto.

O homem civilizado moderno deixou de rezar e até o grande demolidor alemão Nietzsche afirmou que a reza era uma vergonha. Contudo, a oração pode produzir extraordinários benefícios, como verificou Carrel.

O grande sábio mais uma vez manifesta a sua crença nos milagres obtidos pela oração, quando ela é verdadeiramente fervorosa, e compara o efeito da reza ao das glândulas de secreção interna.

Quando o médico vê o seu doente a rezar, diz Carrel, deve ficar muito satisfeito, pois a calma produzida pela oração, muito ajuda o tratamento.

De novo fala Carrel das curas milagrosas de Lourdes, devidas à oração: quantos cancro e tuberculoses médicas cirúrgicas não têm sido ali curados instantaneamente, pela simples virtude da oração?

Tudo se passa como se Deus ouvisse as nossas súplicas, diz o grande sábio Carrel.

A oração é tão necessária ao homem, como a respiração, diz o célebre biólogo, que demonstra quanto é necessária a manutenção das crenças dos nossos pais.

J. A. Pirés de Lima

PALAVRAS MANSAS

Recordando

Um velho amigo meu, muito sincero e discreto, a olhar melancolicamente para longe, para a sua juventude, fez uma evocação tão interessante, que eu devo transmiti-la aos meus leitores.

Pascal num dos seus pensamentos volta-se para cada um de nós e com aquêl ar grave e torturado que nele se alia sempre à simplicidade profunda e lapidar, diz isto: — tu há-de morrer sozinho.

As ilusões, como no outono as fôlhas da primavera, vão caindo pela vida fora até à morte. As ilusões do espírito e as ilusões da carne, a que se refere a Escritura. Com as ilusões vão-se também as amizades e os ídolos a que as paixões renderam culto...

Tu há-de morrer sozinho, diz então singelamente Pascal, propondo à nossa meditação uma verdade que por tantos e tantos é habitualmente esquecida.

Pois bem; o meu velho amigo anda tão ligado a mim, que promete ir comigo para a cova. Não me deixará ir sozinho... Sabe-o tão bem como eu e o seu coração começa a ressentir-se da neve que se lhe espalhou abundantemente nos cabelos; mas, apesar disso, vai andando e vai sorrindo.

Grandes esperanças de idade projecta não tem. Quando Deus quiser, lá iremos... Mas nota frequentemente que vivemos num tempo em que os novos chamam mais alto pela morte que os velhos.

Não é para desmentir Pascal que eu escrevo isto. A verdade é sempre a verdade, aquêl e além dos Pireneus. O próprio Pascal tinha um amigo, mais ou menos jansenista que deste mundo se foi também com êle...

Ai por 1895 era o meu amigo aluno do Seminário do Porto e estava em férias na sua terra da Beira-Douro, que desde então tem sido para êle um encanto e um martírio, quando por lá correu a notícia de que a rainha D. Amélia, dentro em breve, iria das termas de São Pedro do Sul para a Régua, com uma demora de algumas horas em Lamego.

Sabido com precisão o dia da viagem régia, o meu amigo, logo ao romper do dia, bifurcou-se num roncante, que não ficaria mal a embalar as ilusões e os sonhos do cavaleiro da Mancha, e transmontou uma boa parte da serra de Montemuro, a mais de mil metros de altitude.

Que horizontes sem fim! Que panorama empolgante! A norte o Marão, agreste e nu nas suas ondulações culminantes. Para nordeste, as serras ásperas e desoladas de Trás-os-Montes e do extremo da Beira-Alta. A sul, a serra da Estrêla, esbatida pela distância.

Dum sêro mais sobranceiro, mais dominador viam-se terras de seis bispados, dos dôze que então tinha o país — Lamego, Bragança, Braga, Porto, Viseu e Guarda.

Lá no fundo, entre o Marão e Montemuro, o Douro correndo a peneira numa fúria milenária e revoltando-se a espaços contra a passagem dos barcos, para continuar a ser rio de mau navegar...

Descendo a pendente da serra sobre Lamego, o meu amigo atingiu enfim a estrada de macadame, que liga Viseu à Régua, e ficou-se ali porque o estrelajar dos foguetes, já em Penúde, anunciava a aproximação da Rainha. Não esperou muito. Em carro descoberto, S. Majestade passou acompanhada pelo príncipe real, pelo infante D. Manuel e por uma dama de serviço. — Lá vem a Rainha santa — Rainha santa bendita! — como disse João de Deus.

Parecia a felicidade a passar com um diadema fulgurante de graça e de gentileza, junto dos seus filhos, por entre bênçãos e aspectos novos e pitorescos do seu reino...

Quando o meu velho amigo che-

gou a Lamego, com a velocidade possível, já a soberana saía da Catedral por um esplêndido pórtico em gótico flamejante, debaixo do pólio conduzido pelas pessoas mais representativas da cidade. É que terminara o Te-Deum de boas-vindas, presidido pelo Bispo da diocese, que ia agora um pouco à frente do pólio, de pluvial e mitra. Era D. António Tomás da Silva Leitão e Castro, com larga e brilhante fôlha de serviços no império português.

Pormenor interessante. Como o sol era o sol de Julho e já mordida irreverentemente, a Rainha, que trazia o infante pela mão, abriu distraidamente a sombrinha de seda fina e vermelha.

O cortejo seguiu depois, se não há erro, para casa dos condes de Alpendurada, onde foi servido o almoço.

No salão nobre da Câmara municipal a Rainha recebeu os cumprimentos oficiais e seguidamente apareceu numa das sacadas para saudar a multidão cada vez mais fervorosa e compacta.

Aclamações e flores — vassalagem da tradição e da alma da cidade, joia antiga e preciosa da nobre terra da Beira.

A soberana estava entre os dois príncipes cândidos e louros, que eram então a mais radiosa esperança do país... Alta, esbelta e formosíssima, agradecia, por ela e por êles, com uma graça espontânea e penetrante, que era feita de bondade, ternura, encanto e gentileza.

E a Rainha lá se foi enfim para Lisboa... Até o castelo parecia sentir a honra da visita e saudade que deixou atrás de si a despedida...

De regresso a casa, depois de dez horas de viagem, o meu amigo, como as naus dos tempos idos, trazia muito e muito que contar.

E a Rainha?... Desde que perdeu o espôso e os filhos, anda na vida sozinha, a fazer o que um santo padre chama um exercício de morte.

Comove-me, por isso profundamente ouvi-la dizer tanta vez que é portuguesa e ama extremosamente Portugal.

Correia Pinto

Miles Christi

O Senhor afirmou algures no Seu Evangelho que não viera ao mundo trazer a paz, aquela paz podre que significa convivência ou contemporização com o mal; que significa indiferença ou deixar correr os acontecimentos; deixar que as paixões nos arrastem ao seu sabor, que o demónio semeie à vontade o joio na messe das almas afastando-as da Verdade. Não, nesse sentido Ele não viera trazer a paz, antes a guerra, a luta renhida e incessante contra o poder das trevas que incansavelmente, noite e dia, se expande e alarga; contra o mundo com todas as suas malditas seduções; contra as alicições da carne e das paixões funestas que assediam por todos os lados a pobre alma humana.

E, porque a obra de santificação das almas que viera resgatar com o Seu sangue, a defesa, conservação e alargamento do Seu reino tem de ser uma luta sem tréguas, quis o Senhor, na sua infinita Providência e Misericórdia, armar-nos para ela deixando-nos o Sacramento da Confirmação ou Crisma que nos tornou Seus soldados.

«A Confirmação, além do aumento da graça santificante (que recebemos no Baptismo) comunica à alma uma graça especial, que consiste numa força sobrenatural que robustece o cristão e o torna capaz de confessar a sua fé por palavras e por obras. Além disso infunde em maior abundância na alma os dons do Espírito Santo, aperfeiçoando e confirmando desta maneira a obra de santificação iniciada no Baptismo».

Como o Baptismo, este Sacramento imprime também na alma um sinal ou carácter indelével e por isso só pode ser recebido por cada cristão uma só vez na vida.

«O carácter da Confirmação enregistra o cristão sob o estandarte de Cristo e confia-lhe a missão especial de lutar contra os inimigos da fé.»

O ministro ordinário da Confirmação é só o Bispo na sua Diocese.

A matéria remota da confirmação é o azeite de oliveira, símbolo da força e da inocência, misturado com balsamo que significa o suave odor das virtudes. Esta mistura que recebeu o nome de Crisma, deve ser benzida pelo Bispo. A Bênção solene ou Consagração do Crisma faz-se nas igrejas catedrais na Quinta-feira Santa, ao terminar o Cãnon da Missa.

A matéria próxima é:

a) a unção do Crisma feita na frente do confirmando, que significa a unção interior do Espírito Santo que torna a alma brilhante e ardente, e a fortifica para as lutas da vida espiritual; b) a consagração que arma o cristão do sinal da cruz — estandarte e arma dos seus combates; c) a imposição da mão ao fazer o sinal da cruz, que simboliza a comunicação do Espírito Santo que cobrirá a alma da sua sombra protectora.

A forma, que precisa e completa a significação da matéria, são as palavras: *Signo te signo crucis et confirmo te chrismate salutis, in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.*

Este Sacramento só pode ser válidamente recebido por uma pessoa baptizada que tenha o uso da razão. Para a liceidade é preciso estar em graça pois é um Sacramento de vivos. Portanto todos os pais conscientes das suas responsabilidades perante a alma de seus filhos devem fazer da sua parte todo o possível para que, logo que atinjam o uso da razão os preparem e disponham a receber este Sacramento. Devem explicar-lhes a beleza e significado profundo das cerimónias, escolher-lhes um padrinho ou madrinha, segundo for menino ou menina, que sejam católicos praticantes já crismados e que compreendam bem as responsabilidades morais que assumem perante os seus afilhados.

E todos nós, confirmados, agradecemos ao Senhor o benefício deste Sacramento e colaboremos com a graça que por meio dêle nos conferiu para nos tornarmos verdadeiros soldados de Cristo, corajosos na luta contra o mal, na defesa da nossa fé, do nosso divino Chefe e não esqueçamos que a cruz é o nosso estandarte, a nossa espada, a nossa força e alento.

MOSS

Manual do Peregrino de Fátima

Acaba de sair em primorosa apresentação da Gráfica de Leiria a 6.ª edição deste livrinho indispensável a todos os peregrinos e secções da Acção Católica. 256 páginas em papel bíblia — 6\$50 — GRÁFICA — LEIRIA.

Crónica Financeira

Acabamos de receber a fôlha n.º 6 da 3.ª Repartição do Instituto Nacional de Estatística, com o estado das culturas em 30 de Junho. Apesar de já ter sido publicada nos jornais diários, vamos reproduzir nesta Crónica duas das suas informações mais importantes, porque este jornalinho que deve ter mais de um milhão de leitores, é visto por muitos olhos que não lêem bem outra gazeta.

Diz-se nessa fôlha: «A falta de forragens e pastos provoca a afluência de gado, sobretudo bovino, aos mercados e feiras, e as inscrições para abate, são em número desusado. Os preços de venda mantêm tendência para a baixa, registando-se contudo pequeno número de transacções devido não só à falta de compradores, como também ao baixo valor das ofertas. Verifica-se este aspecto em todas as regiões do país, com exclusão dos mercados minhotos que têm decorrido normalmente e com preços sem alteração sensível».

No Minho, em geral, não falta no verão comida para os animais, e isso explica que não haja oferta excessiva de gado, nesta altura do ano, nas suas feiras e que os preços se mantenham, ao passo que no resto do país estão descendo.

Com o fim da guerra é de esperar que acabe também esta excepcional falta de chuvas que já dura há uns

três anos pelo menos. E logo que voltemos à normalidade tanto em abundância de forragens, como no abate nos açougues, os preços do gado bovino terão fatalmente uma grande alta e por duas razões. A primeira resulta de que a prolongada estiagem tem feito diminuir sem sombra de dúvida o número de cabeças de gado bovino habitualmente existente no país. E é claro que logo que a estiagem passe e a situação se normalize no que respeita a forragens, nossas ou importadas, a procura do gado subirá rapidamente sem que a oferta a possa acompanhar... Os preços subirão por força.

Mas há mais. A guerra actual fez aumentar a procura de gado bovino para trabalho, pela falta de gasolina e de pneus que provocou, e como consequência valorizou o gado já feito, em plena capacidade de trabalho. Este facto combinado com as restrições postas ao abate nos açougues, fez aumentar a média da idade do gado existente no país, sobretudo no Norte. Quere dizer, o gado actualmente existente no país é em média mais velho do que era antes da guerra. Logo que volte a abundância da gasolina e dos pneus e se restabeleça a viação automóvel, a procura incidirá principalmente sobre o gado novo, o que ainda não está feito, e porisso mesmo dá mais ganho a

quem o tem porque trabalha e aumenta de peso. Portanto, à medida que formos camihando para a normalidade, o preço do gado novo subirá relativamente mais depressa do que o do gado velho, porque terá mais procura.

Diz ainda a mesma fôlha: «A previsão, até certo ponto optimista, que no mês anterior levou a admitir ser boa a futura produção de uva e azeitona, modifica-se sensivelmente este mês, mostrando-se menos animadora, pois o granizo e os fortes calores provocaram a queda de muita flor e fruto, e também, nos vinhos, a queima das fôlhas e cachos».

E mais adiante acrescenta: «A carença de produtos agrícolas é geral, com exclusão do vinho que dificilmente acha compradores».

Não obstante, a colheita próxima mostrava-se inferior à do ano passado em 30 de Junho p. p. em mais de 13%. Como a colheita ainda não está à porta, sabe Deus o que sucederá daqui até lá. Os embarques do vinho engarrafado da França para os Estados Unidos continuam. No fim da outra guerra a procura de vinhos para a França foi extraordinária, sobretudo de vinhos de consumo. Porque não há-de suceder o mesmo agora?

Pacheco de Amorim